

A RACIONALIDADE DA FÉ EM BLAISE PASCAL

Angelo Fernandes Baratella¹

Antonio Joaquim Pinto²

RESUMO

O pensamento de Blaise Pascal revela a busca pela compreensão da relação razão humana e fé em Deus. A razão como condição humana que pretende a investigação de verdades divinas. E fé como confiança num caminho que não se limita a racionalidade. Esse caminho, descrito como conhecimento de Deus, é dado, segundo Pascal por meio da ordem do coração. Para o filósofo, os limites da razão são exemplificados pela matemática e as ciências cartesianas, e a fé para além da razão. Contudo, Pascal não desqualifica o uso da razão, apenas reconhece a limitação da racionalidade para conhecer Deus. A problemática assumida pelo filósofo é relatada na obra *Pensées*, com inúmeros fragmentos que descrevem sobre a relação entre o homem (razão) e Deus (fé). Deste modo, conforme a célebre frase “o coração tem razões que a razão desconhece” norteia a relação entre o homem racional e a fé em Deus. Daí que, a compreensão da racionalidade da fé em Pascal, é proposta a partir de uma análise da obra *Pensamentos*, apresentando as raízes da compreensão da fé e conversão do pensador, por meio da descrição sobre as três ordens do pensamento pascaliano, e consequentemente o entendimento da racionalidade da fé por intermédio da ordem do coração. Vê-se que todo o argumento formulado por Pascal, apesar de apologético à fé cristã, demonstra um caminho original formulado pela lógica na crença em um Deus infinito. Dessa forma, fé e razão não se contrapõem, antes convergem para um mesmo sentido no conhecimento da existência de Deus.

Palavras-chave: Pascal. Razão. Fé. Coração.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade São Francisco (USF). Bacharel em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: angelobaratella@yahoo.com.br

² Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universitas Antonianum (PUA). Licenciado em Filosofia pela USF. Bacharel em Teologia pelo Instituto Teológico Franciscano (ITF). *E-mail*: antonio.pinto@fae.edu

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação da razão humana com a fé em Deus a partir do pensamento de Blaise Pascal. A razão como um atributo do humano conforme apresenta Aristóteles a definição de homem um animal racional. Tal afirmação não esclarece sobre as verdades divinas, ou melhor, é limitada para dizer sobre Deus.

Entender que para conhecer a Deus, é preciso ter um atributo especial, a fé. Em outras palavras, uma confiança num caminho que se apoia na ordem racional. Para Pascal, essa fé é descrita pela ordem do coração.

Para o filósofo, os limites da razão são dados pela matemática e as ciências cartesianas. E as verdades de fé ultrapassam a lógica matemática. Contudo, Pascal não desqualifica o uso da razão, mas reconhece limitado o entendimento racional para conhecer Deus.

A problemática assumida pelo filósofo é relatada na obra *Pensées* (Pensamentos), constam inúmeros fragmentos que descrevem sobre a relação entre o homem (razão) e Deus (fé). A Filosofia pascaliana apresenta muitas considerações sobre a condição humana. E a partir da antropologia ensinada por Pascal pergunta-se qual o entendimento da razão e da fé? Entre os diversos fragmentos pascalianos destaca-se inicialmente a diferença entre conhecer, teorizar sobre Deus e amá-lo³. Pascal afirma não há uma crença útil, ou fé se não for da vontade divina⁴ e ainda “É o coração que sente a Deus e não a razão. Eis o que é fé. Deus sensível ao coração, não à razão⁵”.

Para o desenvolvimento do trabalho, torna-se necessário analisar a obra *Pensamentos* de Blaise Pascal; apresentação das raízes da compreensão de fé e conversão do pensador; descrição sobre as três ordens do pensamento pascaliano: ordem da carne, ordem do espírito e ordem do coração, e na sequência o entender a racionalidade da fé.

Enfim, o objetivo do trabalho é compreender a relação entre razão e fé diante da condição humana de racionalidade, tendo a clareza que fé e razão não se contrapõem⁶. Pergunta-se: quais os limites da razão e do coração na busca de conhecer Deus?

Observa-se que todo o argumento formulado por Pascal, apesar de apologético à fé cristã, demonstra um caminho original formulado pela lógica na crença em um Deus infinito. Dessa forma, fé e razão não se contrapõem, convergem para um mesmo sentido no conhecimento da existência de Deus. Essa hipótese pretende-se confirmar através dos fragmentos apresentados ao longo do trabalho.

³ PASCAL, Laf. 377, Bru. 280.

⁴ *Idem*, Laf. 380, Bru. 284.

⁵ *Idem*, Laf. 424, Bru.278.

⁶ *Idem*, Laf. 12, Bru. 187.

São muitas as edições⁷ da obra *Pensées*. Assim, como proposta metodológica para as citações dos Pensamentos, utilizaremos a tradução de Mario Laranjeira, que segue a classificação de Lafuma, adotando a abreviatura “Laf.” para indicar os fragmentos na edição Lafuma, seguido por “Bru.” para indicar os fragmentos na edição Brunschvicg⁸ adotada na coleção Pensadores.

1 AS RAÍZES DA COMPREENSÃO DE FÉ E CONVERSÃO DE BLAISE PASCAL

Blaise Pascal nasceu em 19 de junho de 1623 e faleceu com apenas 39 anos em 1662. Teve uma vida trágica que marcou seu pensamento. Foi um filósofo francês que viveu no século XVII, sob a influência do pensamento iluminista⁹ e o fim da Idade Média. Ensina Ferreira (2012, p. 19) que no século XVII a “atmosfera em que se move é o cartesianismo”.

Tendo recebido uma formação intelectual exemplar, certamente colaborou no aprimoramento do desenvolvimento intelectual de Pascal, possuidor de um espírito crítico e investigativo, adentrou no campo das ciências, especialmente a matemática e a lógica.

Nota-se a inclinação de Pascal pelo universo da ciência, pois mesmo quando estava se formando sobre os assuntos da religião, jamais deixou de realizar seus diversos experimentos científicos. E essa intensa atividade científica aliada com a busca incessante de noites em claro no intuito de compreender as Escrituras, esse empenho radical do filósofo em conhecer verdades naturais e divinas debilitou seu organismo físico.

Como se vê, Pascal foi aos poucos aprofundando no conhecimento sobre a razão e a fé. Por meio de vários fatos curiosos e circunstâncias narradas propiciaram a conversão do filósofo ao cristianismo.

A conversão de Pascal aponta para um processo de busca de conhecimento pelas causas primeiras. Lembra-se que o período vivido por Blaise Pascal apresentava a razão como soberana na explicação da natureza humana. Eis que, o filósofo percorre outro caminho. O pesquisador Martins (2006, p. 11) descreve que “desde a juventude, Pascal já apresentava um espírito ‘científico’ genial”.

⁷ Para uma melhor visualização da problemática das edições conferir FERREIRA, R. da L. **Caminhos para Deus: a razão e o coração segundo Blaise Pascal**. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 15.

⁸ É possível verificar a organização dos fragmentos em cada uma das edições indicando a edição e o número do fragmento por meio do *site*: <http://www.penseesdepascal.fr/index.php>

⁹ **Pensamento iluminista**: linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana. Conforme ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: M. Fontes, 2007, p. 534.

Por meio do uso da própria razão Pascal pretende mostrar aos homens a limitação da razão para conhecer a verdade. O filósofo, possuidor de um raciocínio excepcional “não se deixa levar pelas efusões de uma alma devota: ele raciocina, define, escolhe nas Escrituras citações que ele encaixa num discurso rigorosamente construído” (GOUHIER, 2006, p. 140) para convencer aos outros sobre a fé. Conforme o fragmento “Toda a dignidade do homem está no pensamento... O pensamento é, pois, uma coisa admirável e incomparável por natureza¹⁰”.

Assim, argumenta em diversos fragmentos a necessidade de fé em Deus que supera o deus dos filósofos e sábios. Por isso, sua obra é apologética na defesa de uma fé que busca a verdade. A existência de Deus para Pascal é tão evidente que sequer faz uso de provas metafísicas, aliás, alega que essas provas estão aquém do raciocínio humano e representariam um conhecimento especulativo.

Os pensamentos de Pascal descrevem mais que uma fé simplória, escreve: “não digo isso movido por um zelo piedoso de uma devoção espiritual. Entendo, pelo contrário, que se deve ter esse sentimento por um princípio de interesse humano e por um interesse de amor-próprio¹¹” revela que a fé em Deus não basta num conhecimento racional, mas ultrapassa o limite da razão humana na busca de uma verdade provinda não do próprio homem.

Enfim, os fatos demonstrados e vivenciados pelo filósofo influenciaram marcadamente a sua própria compreensão de fé e razão. Assim, para compreender a filosofia de Pascal é preciso entender o sentido da fé de sua filosofia, uma busca pela verdade, que ultrapassa os limites racionais.

1.1 O ESPÍRITO DE GEOMETRIA E O ESPÍRITO DE FINURA

Pascal em seus escritos descreve muitas vezes sobre a condição humana. E entre as concepções apresentadas argumenta sobre as diferentes formas do homem conhecer ou buscar a verdade, seja ela por meio do “espírito geométrico” ou “espírito de *finesse*”, conforme a tradução da editora Martins Fontes “espírito de geometria” e “espírito de finura”. Os fragmentos pascalianos retratam diversas atitudes do homem frente ao mundo que se apresenta, ou seja, conforme a postura do homem no mundo possibilitará uma condição humana com a capacidade de conhecer o seu universo.

O termo espírito na filosofia de Pascal deve ser compreendido como intelecto, raciocínio. Assim, o modo pelo qual distingue o espírito de geometria do espírito de finura é a atitude, a disposição da razão para conhecer verdades de modos distintos.

¹⁰ *Idem*, Laf. 756, Bru. 365.

¹¹ *Idem*, Laf. 427, Bru. 194.

Conforme o prisma que se utiliza define o espírito. Deste modo o espírito geométrico compete ao homem científico, possuidor de um raciocínio lógico-dedutivo, que quer conhecer o princípio das coisas através de esquemas lógicos matemáticos, de acordo com a filosofia cartesiana. Pascal não descreve um exemplo concreto, contudo é possível compreender que “o domínio do espírito geométrico coincide com o das ciências exatas”, conforme ensina Ferreira (2012, p. 70).

O espírito de finura, pelo contrário, refere-se à capacidade de sentir e intuir, uma capacidade ao alcance de todos, no sentir e interpretar os princípios que se revelam àquele que possui um olhar atento.

Pascal então demonstra que o espírito geométrico representa o homem lógico, racional, que é incapaz de compreender que a razão é limitada, não consegue explicar e resolver tudo. Em contrapartida, o espírito de finura representa o homem intuitivo, que, por sua vez, nem sempre está certo.

Assim, “frente ao racionalismo que se instaura com força em sua época, Pascal coloca os limites do espírito científico. Aí se encontra sua originalidade e novidade” (FERREIRA, 2012, p. 73). Numa época de racionalismo, o filósofo defende que a razão possui limites para a compreensão das verdades divinas.

Compreendido a distinção que Pascal faz do espírito geométrico e espírito de finura. Cabe ressaltar que o filósofo reconhece ser algo pouco comum ambos espíritos num mesmo homem, talvez uma situação vivenciada pelo próprio filósofo quando descreve seus argumentos nos fragmentos.

Pascal não pretende ressaltar os feitos intelectuais de um homem, o uso da razão. Sinaliza o sentimento, o espírito de finura. Contudo, é difícil demonstrar exemplos de espírito de finura, pois são muitos os sinais que se referem a esta compreensão, assemelha-se às ciências humanas. Em contrapartida, o espírito geométrico é bem delimitado pelas ciências exatas, a matemática, a lógica.

O espírito de finura descrito na tradução e edição da obra do autor em destaque pela editora Martins Fontes também é conhecida como o “espírito de *finesse*”. E *finesse* entendido como uma qualidade a quem possui características de honrado, honesto, fino trato, por conseguinte que consegue perceber o sutil nas coisas.

Nessa tensão do homem entre o espírito de geometria e espírito de finura, encontra-se a desproporção do homem. Ao pensar sobre a desproporção do homem, sugere refletir a condição e capacidade humana na desproporcionalidade da infinidade da natureza. Pascal aponta que todo o conhecimento através do espírito geométrico corresponde a uma ciência analítica que não preenche o vazio do homem. Por sua vez, o espírito de finura se utiliza da racionalidade, mas não se explica pela logicidade

matemática, logo uma incerteza desencadeia a angústia e o desamparo. Dessa forma a miséria humana é retratada como condição do homem sem Deus.

O homem de bem, portanto, pode-se compreender como aquele que reconhece a limitação da razão para conhecer as coisas. Pascal tem clareza da limitação da razão, mas não deixa de usá-la para conhecer o mundo, desperta a atenção dos sentidos para perceber a infinidade do universo. Em outras palavras, reconhece a grandeza humana no uso do raciocínio sem ignorar que a razão não consegue abarcar a grandeza do infinito do universo.

Portanto, o homem com possuidor do espírito de finura tem a qualidade de reconhecer-se limitado. Conhece o abismo da razão, tem a clareza que o raciocínio é incapaz de responder a todas as questões humanas:

Conhecemos pois a o nosso alcance. Somos alguma coisa e não somos tudo. O que temos de ser nos escamoteia o conhecimento dos primeiros princípios que nascem do nada, e o pouco que temos de ser nos esconde a vista do infinito¹².

Logo, se entende que o homem de bem pelo cultivo do espírito de finura carrega consigo sua miséria, na própria insuficiência racional para compreender a vida. Necessita de algo além da razão para o ordenamento da vida, ou seja, a confiança em algo maior que o próprio homem, a fé em Deus.

2 AS TRÊS ORDENS DO PENSAMENTO PASCALIANO

Tendo até o momento compreendido as explicações de Pascal sobre a condição do homem, sua filosofia prossegue na indicação das ordens da carne, do espírito e do coração.

Sabe-se que a obra Pensamentos possui muitos fragmentos esparsos que apresentam a filosofia pascaliana. São acentos variados em termos que expressam uma filosofia no ordenamento do conhecimento do mundo.

Apesar, da difícil demonstração do espírito de finura e espírito de geometria, é de suma importância apresentar o fragmento em que Pascal explicita de forma objetiva sobre o homem que se realiza em diferentes ordens, ou seja, diferentes dimensões da existência humana:

Existem três ordens de coisas: a carne, o espírito, a vontade.
Os carnais são os ricos, os reis. Eles têm por meta o corpo.
Os curiosos e os cientistas, estes têm por meta o espírito.
Os sábios têm por meta a justiça¹³.

¹² *Idem*, Laf. 199, Bru. 72.

¹³ *Idem*, Laf. 933, Bru. 460.

Pascal parece não se preocupar com uma definição das ordens, e sim na indicação como métodos de investigação de diferentes âmbitos. O pensamento pascaliano descreve de certa forma em cada uma das ordens as grandezas e misérias humanas, visto que se trata da condição humana. É o modo que Pascal argumenta sobre a situação do homem. Veremos sobre a caracterização das ordens.

Para compreender as ordens ensinadas por Pascal é preciso utilizar-se da razão, ou que pode ensinar uma contradição. Porém, o filósofo afirma no fragmento: “2. excesso excluir a razão, não admitir senão a razão”¹⁴ ou ainda: “não é bom ser livre demais. Não é bom ter todas as necessidades”¹⁵. Essa tensão entre o tudo e o nada persiste pelo pensamento pascaliano.

Vários fragmentos de Pascal apontam para a compreensão sobre o ordenamento no uso da razão no intuito de entender sua própria condição humana. Resta, que o filósofo sugere uma tensão constante na vida na busca da verdade. São considerações que demonstram a grandeza e a miséria humana exposta pela filosofia pascaliana verificada do fragmento:

Para Pascal, é necessária a compreensão das ordens na dinâmica de cada ordem. O método de análise, a dinamicidade de cada âmbito do conhecimento nas suas múltiplas possibilidades é diferente em cada ordem.

Desta forma, a proposta de distinção das ordens é no intuito de melhor exemplificar, caracterizar cada ordem, mas ciente que a percepção dada por cada ordem não se é isolada. Agem integralmente no sujeito, por isso a fé não exclui a razão e vice versa.

2.1 A ORDEM DA CARNE

A ordem da carne na filosofia pascaliana está voltada para a aparência, os bens materiais, honrarias, fama, glórias de batalhas, uma satisfação através do físico material sensorial.

Sobre a condição existencial do homem, Pascal descreve sobre “concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, orgulho etc... nas coisas da carne reina propriamente a sua concupiscência”¹⁶.

Essa concupiscência reflete a vaidade do homem, ou melhor, a miséria do homem sem Deus.

¹⁴ *Idem*, Laf. 183, Bru. 253.

¹⁵ *Idem*, Laf. 57, Bru. 379.

¹⁶ *Idem*, Laf. 933, Bru. 460.

A vaidade está tão ancorada no coração dos homens que um soldado, um criado, um cozinheiro, um carregador se gaba e quer ter admiradores e mesmo os filósofos querem tê-los, e aqueles que escrevem contra querem ter a glória de ter escrito bem, e aqueles que os lêem querem ter a glória de os ter lido, e eu que estou escrevendo isto tenho talvez esta vontade, e talvez os que o lerem.¹⁷

Por isso se justifica a ordem da carne apontando os reis e ricos, representa aqueles que vivem das aparências das coisas. São os homens que usam o senso comum, sem aprofundamento na busca de uma verdade primeira. Sobre estes, Pascal descreve como viventes na miséria humana:

Miséria.

A única coisa que nos consola de nossas misérias é a diversão. E no entanto é a maior de nossas misérias. Porque é ela que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte¹⁸.

Em suma, a ordem da carne apontada por Pascal, compreende as misérias humanas. É a condição existencial do homem um paradoxo entre o pensar a razão dos efeitos e a razão abstrata da explicação científica. Características que utiliza-se na pretensão de exemplificar a ordem da carne descrita por Pascal. Não se esgota as possibilidades, pois o pensamento de Pascal argumenta muito sobre as misérias e grandezas humanas, que ensejam uma pesquisa específica sobre o tema. Importa destacar no momento o uso da razão na busca da satisfação através dos bens materiais, distante de Deus, propicia a miséria humana.

2.2 A ORDEM DO ESPÍRITO

A ordem do espírito caracteriza-se pelo saber científico e filosófico, o uso da razão enquanto método investigativo. Pascal define que a condição humana é o pensamento, a busca pelo saber, neste sentido:

O homem é visivelmente feito para pensar. É toda a sua dignidade e todo o seu mérito; e todo o seu dever está em pensar direito. Ora, a ordem do pensamento é começar por si, e por seu autor e fim. Ora, em que pensa o mundo?¹⁹

¹⁷ Idem, Laf. 627, Bru. 150.

¹⁸ Idem, Laf. 414, Bru. 171.

¹⁹ Idem, Laf. 620, Bru. 146.

Para Pascal a ordem do espírito aponta para o uso exclusivo da razão, a busca das verdades científicas. Um pensar calculante de acordo com o espírito de geometria.

O agir metodologicamente da ordem do espírito revela-se na busca do homem em explicações racionais, princípios lógicos, a ciência moderna. Assim, a ordem do espírito caracteriza-se pelo uso do intelecto na investigação da razão de ser das coisas.

Percebe-se que a ordem do espírito refere-se ao espírito geométrico, a busca de explicações lógicas dedutivas através da razão. Na investigação realizada pelos geômetras busca-se por princípios que expliquem as coisas.

Apesar do interesse de Pascal nas descobertas das ciências modernas, reconhece a ordem do espírito limitado. Portanto, a compreensão de espírito não deve ser de algo sobrenatural, mas do uso da racionalidade para as explicações de descobertas científicas.

2.3 A ORDEM DO CORAÇÃO

A compreensão do termo coração afasta-se da ideia pouco realista de sentimentos desprovidos de razão. Pelo contrário, veremos que Pascal jamais afasta a razão, a percepção do sentir perpassa pela racionalidade.

Sabe-se que na tradição o coração é um órgão vital à vida, local de decisões, isso explica o fragmento de Pascal: “o coração tem razões que a razão desconhece²⁰”. Essas razões do coração podem ser entendidas com a vontade humana: “os homens muitas vezes tomam a imaginação pelo coração; e acreditam que estão convertidos a partir do momento que pensam em se converter²¹”.

Portanto, deve-se ter a clareza do âmbito de conhecer o mundo de através das diferentes ordens. A ordem do coração é a percepção intuitiva através das sensações, diferente da racionalidade da ordem da carne, voltado às coisas materiais, ou da ordem do espírito, que se ocupa com a ciência.

A ordem do coração pressupõe um olhar diferenciado da carne ou do espírito, seria ver com “olhos da fé²²”. O homem ver o ordenamento de tudo não de forma material lógico-matemática. Algo como que o homem reconhecesse sua miséria, e a partir disso estabelecesse um novo olhar.

Importante que a caracterização da ordem do coração se distancia de relacionar-se com a ordem da carne ou a ordem do espírito. Semelhante um transcender para

²⁰ Idem, Laf. 423, Bru. 277.

²¹ Idem, Laf. 975, Bru. 275.

²² Idem, Laf. 500, Bru. 700.

conhecer a Deus. Certo que a ordem do coração revela a apologia de Pascal quando direciona este ordenamento para o cristianismo.

É preciso entender as ordens descritas por Pascal conforme os âmbitos de compreensão da existência humana, homem que encontrou Deus - a ordem do coração, o homem que ainda busca a Deus - a ordem do espírito, e o homem que não busca Deus - a ordem da carne:

Só há três tipos de pessoas: umas que servem a Deus, tendo-o encontrado; outras que, não o tendo encontrado, se empenham em procura-lo; outras que vivem sem procura-lo nem tê-lo encontrado. Os primeiros são razoáveis e felizes, os últimos são loucos e infelizes. Os do meio são infelizes e razoáveis²³.

Enfim, o salto no pensamento de Pascal na ordem do coração revela a busca da relação entre a razão e fé, descrito no fragmento: “não existe tão conforme à razão quanto desmentir a razão²⁴”.

O âmbito de cada ordem concede ao homem uma grandeza no olhar, perceber e conhecer o mundo ao seu redor. Porém, é certo que a ordem do coração ultrapassa a ordem da carne e a ordem do espírito, possibilita um conhecer para além do uso exclusivo da razão, assim é Deus que toca o coração do homem.

3 A RACIONALIDADE DA FÉ

Os escritos de Pascal são amplos, demandam aprofundamento em cada pensamento. No entanto, o que se pretende neste trabalho são apenas apontamentos que indicam a relação que o filósofo descreve da fé (Deus) e a razão (homem). Por isso a cautela em demonstrar um Pascal excessivamente racionalista ou demasiadamente piedoso.

É sabido que o pensamento é condição humana observada em diversos fragmentos. Desta forma, retrata a busca empenhada por Pascal em conhecer a verdade, ou melhor, as verdades divinas, logo, para isso é preciso crer em Deus.

Para Pascal a condição humana é importante, pois se reconhecendo insuficiente, enseja a possibilidade da grandeza na fé em Deus. A miséria humana é caracterizada pelo filósofo como o homem sem Deus “juiz de todas as coisas, verme imbecil, depositário da verdade, cloaca de incerteza e de erro, glória e rebotalho do universo²⁵”.

²³ Idem, Laf. 160, Bru. 257.

²⁴ Idem, Laf. 183, Bru. 253.

²⁵ Idem, Laf. 131, Bru. 434.

Demonstrada a exigência de crer em Deus para Pascal, é preciso caracterizar o que o filósofo entende por fé, para posteriormente justificarmos a submissão da razão à fé.

Conforme o fragmento: “é o coração que sente a Deus e não a razão. Eis o que é a fé. Deus sensível ao coração, não à razão.²⁶” Ainda, a condição humana possui a miséria, mas também a grandeza, um paradoxo que Pascal descreve: “a grandeza do homem é grande por ele conhecer-se miserável; uma árvore não se conhece miserável. É então ser miserável conhecer (-se) miserável, mas é ser grande conhecer que se é miserável²⁷”.

Recorda-se que a logicidade do pensamento de Pascal, descreve três ordens no ordenamento da vivência humana. Sendo cada ordem servida pela razão que deve ser analisada num âmbito da vida do homem.

Todas as argumentações de Pascal não satisfazem o próprio filósofo quando afirma no fragmento “é um monstruosidade ver-se no mesmo coração e ao mesmo tempo essa sensibilidade pelas menores coisas e essa estranha insensibilidade pelas maiores²⁸”.

É certo, que de acordo com a filosofia pascaliana, a razão não pode explicar as coisas sobrenaturais. A questão de fé está para além da racionalidade. Contudo, pressupõe a razão para o discernimento de crer ou não crer em Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, por meio das considerações realizadas, pode-se apresentar possíveis pensamentos de Pascal com relação a razão e fé. Evidenciar a condição humana sobre a grandeza e a miséria, entendia por Pascal. Sendo o homem tão elevado em na grandeza do pensamento, deve-se reconhecer-se miserável no uso exclusivo da razão, quando não se atém as realidades não explicáveis pela razão.

O homem de bem, descrito pelo filósofo, parece sintetizar a busca pelo equilíbrio entre a razão e a fé. Revela nas disposições humanas, o espírito de *finesse* e o espírito de geometria, uma tensão na harmonia entre a ordem da carne e a ordem do coração.

Desta forma, a condição humana na sua racionalidade jamais deve deixar de buscar Deus. Assevera-se que, Pascal não contrapõe a razão e a fé. Contudo, esclarece que a razão não alcança a fé. Pois, fé pressupõe confiança naquilo que não consegue se explicar pela razão.

²⁶ Idem, Laf. 424, Bru. 278.

²⁷ Idem, Laf. 114, Bru. 397.

²⁸ Idem, Laf. 427, Bru. 194.

Importa destacar, que Pascal, possuidor de um intelecto primoroso, numa leitura desatenta pode ensinar a compreensão do pensamento contraditório, o uso do raciocínio para convencer o leitor em crer em Deus, quando escreve justamente que “é o coração que sente a Deus e não a razão. Eis o que é a fé. Deus sensível ao coração, não à razão” (Laf. 424, Bru. 278).

Nesta contradição aparente, que parece revelar a grandeza e importância do pensamento pascaliano. Para ter fé, é preciso usar da razão no sentido de dispor-se a buscar Deus. Em contrapartida, a fé ultrapassa os limites da razão. Logo, para crer com fé Deus “toca”, inclina o coração do homem.

O homem é naturalmente racional, o pensamento é sua grandeza, mas o uso dessa racionalidade também seu grande abismo. Por isso, a necessidade Deus, o caminho da fé restabelece a harmonia do homem em sua angústia da tensão entre o todo e o nada.

Desta forma, a disposição em crer Deus na proposta de Pascal, seria como um remédio para as misérias humanas. E fé, seria a resposta divina naquele que busca a Deus, e Ihe é revelado as verdades divinas.

Resta então, que Pascal define a racionalidade da fé como uma necessidade do homem em dispor-se a crer em Deus, utilizando-se de seu atributo maior: o pensamento nas “coisas do alto”. Contudo, sem nenhuma garantia de resposta na predisposição de crer em Deus.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: M. Fontes, 2007.

DESCOTES, D.; PROUST, G. **Les pensées de Blaise Pascal**. Disponível em: <<http://www.penseesdepascal.fr/index.php>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

FERREIRA, R. da L. **Caminhos para Deus: a razão e o coração segundo Blaise Pascal**. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/7/TDE-2012-07-20T12:00:17Z-12636/Publico/Rildo%20da%20Luz%20FERREIRA.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2015.

GARCIA, C. F. L. **O sentido da fé em Pascal**. 2012. 93 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3467/1/000444817-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

GOUHIER, H. **Blaise Pascal: conversão e apologética**. Tradução: Éricka Marie Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Paulus, 2005.

MARTINS, A. V. **Contingência e imaginação em Blaise Pascal**. 2006. 251 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1991/1/ANDREI%20VENTURINI%20MARTINS.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

PASCAL, B. **Do espírito geométrico e outros textos**. Tradução: Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Scala, 2006.

_____. **Pensamentos**. Tradução: Mario Laranjeira; Edição: Louis Lafuma. São Paulo: M. Fontes, 2005.

_____. **Pensamentos**. Tradução: Sergio Melliet. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Pensadores).

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: do humanismo a Descartes**. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

SPENGLER, J. **A ordem como estatuto ontológico da existência humana em Pascal**. 2000. 160 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontificium Athenaeum “Antonianum”, Roma, 2000.

_____. Pascal: fé e ciência. **Scintilla**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 33-48, jul./dez. 2004. Disponível em <<http://www.saoboaventura.edu.br/galeria/getImage/45/4773014261597750.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.